

JORNAL: Correio da Manhã LOCAL: Quomabara

DATA: 11/08/1963 AUTOR: Jayme Maurício

TÍTULO: Suspense: nova fase de Serpa

ASSUNTO: Jayme Maurício vê ligeiramente Ivan Tenreiro.

ago, 11 de Agosto de 1963

2.º Caderno

## Comentários e notícias

### Monsieur Beltron

Monsieur Jorge Beltron, presença do *vieux Paris*, inteligente, sofisticado e petulante, no mercado de arte local, é verdadeiramente um astuto que se faz de distraído fabricante de molduras e reproduções de móveis antigos.

— “Meu caro crítico, eu não sei nada, não sou nada, nada posso lhe dizer, além das minhas modestas molduras e minha discreta oficina. De vez em quando, um quadrinho, um desenho, uma gravurinha. Isso não é *marché d'art*... O senhor deve procurar os grandes do mercado, os que especulam com importantes casas bancárias, que são internacionais ou têm situação institucional...”

E por aí vai o *monsieur Beltron*, que não é belga nem francês, mas pernambucano no duro, brasileiroíssimo, viajado e educado em *France*, cujo sotaque é cultivadíssimo para não perder o charme do negócio. Pode-se dizer que boa parte do êxito desse bem humorado e temperamental homem de quadros, molduras e móveis, é devida ao seu sotaque, a essa velha e hábil incompatibilidade com o português, língua impossível para as vendas de objetos de arte. Quem resiste a esse refinado ator dizendo a um aposentado embaixador brasileiro, à saída de sua galeria, numa mesura inteiramente itamarataca:

— “Mais vous partéz déjà, excellence?”

Ou então:

— “Não sei bem, mas o senhor que é crítico pode me esclarecer. O senhor compreende, eu parei um pouco com os impressionistas e me encontro francamente em dúvida, etc., etc.”

Jorge viu muita pintura, aqui e na Europa, foi dos primeiros a expor pintura moderna em termos comerciais, quer dizer, à venda, na sua velha Montmartre, quando estavam muito longe os tempos de bienais, museus, colunas de arte, colecionadores e mercado. Atualmente, porém, ficou de fora, faz questão de ficar de fora, parece. Mas volta e meia chega alguém e diz que comprou um Guignard *chez Jorge*, um Portinari, um Mabe, uma Djanira e muitos outros. E *monsieur Jorge e mademoiselle Liliane* estão sempre alegres, felizes nunca se queixam, nunca pedem nada. Qual o segredo? Sem propaganda, sem maiores exposições, sem financiamento nem nada, a Montmortre *monte*. Tem trabalhos de Portinari, Guignard, Di Cavalcanti, Segall, Panceti, Djanira, Mabe, Krajcberg, Maria Leontina, Milton Dacosta, Heitor dos Prazeres, Iberê Camargo, Marcier, Inimá, Bandeira Grassmann, Aldemir Martins, Ione Saldanha e muitos outros. Por que Jorge Beltrão esconde seu acervo? Por que seus preços são baixos? E por que nunca chora nem se queixa da vida e dos artistas e críticos como os outros?

### Desabafo

É difícil explicar direito, mas existem alguns artistas que quanto mais lhes damos, mais aumenta a impressão de que lhes devemos algo, lhe tiramos alguma coisa ou estamos participando de algo que os desgosta. Parece que quanto mais se faz mais aumenta a irritação (passiva), a queixa (controlada). E no entanto com os que estão distantes, alheios, ou com os ricos e fortes são de uma extrema amabilidade. Será a tal raiva do favor recebido, raiva de dever? Não sabemos. Talvez desconfiança do próprio mérito diante da ajuda. Ainda recentemente um pintor de grande talento pelo qual foi preciso lutar muito fora desta tribuna, (nos salões, galerias, museus, colecionadores, no lar, fazendo acórdos nem sempre muito católicos com burocratas das artes para tirar pedras do caminho, influenciando, ouvindo, aconselhando, selecionando, brigando mesmo, para realizar finalmente em poucos anos uma trilha que, isolada, é talentoso como muitos outros levaria 10 ou 15 anos), após uma merecida mas difícil vitória, ligou o telefone para uma crônista para agradecer as notinhas que ela publicara a seu respeito. A moça, mais saudável, respondeu que ele deveria agradecer ao JM. Sabem qual foi a resposta?

— Ué... Mas o JM ainda é meu amigo?

Embora fique com a gente a serenidade da elevação da atitude crítica, fica também um grande desapontamento, uma vontade de se distanciar cada vez mais e uma progressiva irritação que irá prejudicar o trabalho em favor de outros que estão por vir.

### Mais um título

## Itinerário das Artes Plásticas

JAYME MAURÍCIO

dois artistas sérios fôsse sair em letra de fôrma, como aconteceu na coluna do Alvaro Americano em “O Globo”. Daí a preseteza desta explicação com as minhas desculpas ao Di e ao Marcier por termos nos utilizado deles para fazer um brilhareco. Como pessoas do mundo e bons consumidores do bom uísque dos grã-finos, eles perdoarão a quem tanto clama e clamou pelo reconhecimento deles.

### Sandberg “en passant”

O Barão Sandberg em poucos dias no Rio visitou museus, galerias e *ateliers*, ciceronado pelo nosso caro Jorge Carvalho Brito. Não pudemos estar com o críticos nas recepções que lhe ofereceram por razões de fôrça maior, como todos compreenderão. Fala-se, entretanto, que Sandberg vibrou com os *bichos* e a casa projetada por Lígia Clark, sobre a qual irá escrever; louvou muito a pintura de Iberê Camargo, tendo Jorge comprado um quadro; gostou das superfícies de Ana Schultz e da escultura de Hugo Rodrigues e muitos outros. Parece que Sandberg gostou de tudo, o que não achamos possível, exceto por finura excessiva. Seria bom saber também do que ele não gostou para reforçar os eleitos e estabelecer, enfim, um certo equilíbrio. Ou será que tudo por aqui é, como dizem as senhoras, *maravilhoso, divino?*

### Relêvo “via diplomática”

O conselheiro Mário Dias Costa, chefe da divisão cultural do Departamento Cultura e de Informações do Itamarati, vem de entregar um conjunto de obras do pintor chileno Nemésio Antunes, que chegaram ao Brasil através dos bons serviços do Ministério das Relações Exteriores, com transporte gratuito e isenção de imposto e alfândega, para serem postos à venda na Galeria Relêvo. Esperemos que o “oficialismo” dessa mostra evite ao menos a excessiva especulação de preços, pois afinal não é a galeria que está enfrentando as despesas de importação das obras do festejado artista chileno, mas o dinheiro do povo. A galeria certamente vai colaborar apenas com o intercâmbio cultural Brasil-Chile, como deve ter sido a intenção da Divisão Cultural do Itamarati e do adido cultural na Embaixada do Brasil em Santiago. Mas naturalmente o conselheiro estará atento.

### Suspense: nova fase de Serpa

Nestes últimos 15 anos o Rio de Janeiro já viu diversas fases do pintor Ivan Serpa, tôdas coroadas de êxito: figurativa entre 1948 e 1950, geométrica com prêmio na Bienal de 1951, concreta com apoio geral durante os demais anos, neo-plástica, por assim dizer, com estudos de ritmos e espaços, quando recebeu prêmio de viagem ao estrangeiro, antecipada pela fase das colagens que foram editadas pela UNESCO. De volta da Europa, ingressou numa pintura de grandes proporções, vagamente informal e abstrata, mas já comprometida com certas visões e detalhes do mundo exterior, está exposta no MAM do Rio. Agora, no próximo dia 15, Tenreiro anuncia a inauguração de uma individual do conhecido pintor, no qual Ivan Serpa marcaria a sua volta, violentíssima, dizem, ao figurativismo. A curiosidade é intensa. Com esta fase pretende Serpa levantar o prêmio de pintura da VII Bienal e marcar definitivamente a sua expressão individual, o que duvidamos — o pintor é tremendamente inventivo.